

Key- Words: Cemeteries - city- São Paulo – Gravestones – Churchyard.

Abstract: This Work about of cemeteries de city of São Paulo, the old churchyards and curios gravestones or history the people of São Paulo in sec. XIX, XX.

O ENIGMA DOS CEMITÉRIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Eduardo Coelho Morgado Rezende*

A cidade de São Paulo conta atualmente com quarenta cemitérios, sendo vinte e dois públicos e dezoito particulares, o mais antigo já desapareceu (Aflitos 1774), porém, resta a sua pequena capela no bairro da Liberdade.

O Cemitério dos Aflitos já não mais existe, entretanto, muitos habitantes da cidade ficam intrigados quando passam na Rua dos Estudantes e observam aquela capela no fundo do beco, grudada com as casas, o seu sino pode ser alcançado pela mão dos moradores vizinhos.

Outro fato enigmático envolvendo o Cemitério dos Aflitos é o sepultamento do antigo professor da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, Júlio Frank, que foi enterrado na calada da noite na própria faculdade.

A empreitada ocorreu quando alguns estudantes ficaram inconformados com a ida do corpo de Júlio Frank ao Cemitério dos Aflitos, e resolveram transladar o caixão para dentro da faculdade. Júlio só foi mandado aos Aflitos porque não era católico, e, portanto não podia ser enterrado em nenhuma igreja de São Paulo.

Durante muitos anos, no dia dezenove de junho, o pátio onde está enterrado Júlio Frank era aberto à visitação e seu túmulo ficava iluminado e enfeitado, tradição que se desfez no ano de 1972.¹

* Mestre em Geografia Humana USP, Professor da UNIBAN

Um acontecimento trágico também envolvendo cemitérios e estudantes do Largo São Francisco foi a morte da Rainha dos Mortos. No tempo em que São Paulo era uma pequena vila sobravam poucas opções de lazer para os estudantes.

Nesse período, reinavam as prostitutas e os personagens que viviam a boêmia paulistana, como o Padre Bacalhau e a prostituta Ritinha Sorocabana, a preferida dos poetas e boêmios da cidade.

As farras e algazarras que os estudantes promoviam, também eram outras formas de passar o tempo na pacata vila de São Paulo. A estudantada (como eram conhecidas essas farras) mais trágica foi o episódio que ficou conhecido como Rainha dos Mortos.

Durante uma madrugada, os estudantes resolveram levar a prostituta Eufrásia para dentro do Cemitério da Consolação, e para isso arrumaram um caixão, e em procissão pela cidade os estudantes levaram Eufrásia viva até o cemitério, quando abriram o caixão perceberam que Eufrásia estava morta.

A idéia era fazer uma celebração, onde Eufrásia seria coroada Rainha dos Mortos, todavia, a rainha deveria estar viva e não morta como Inês Pereira. O caixão fechado asfixiou Eufrásia.

Como os envolvidos no caso eram de famílias influentes o processo acabou sendo arquivado. Um dos estudantes nessa farra era o poeta Fagundes Varela.

Um grande drama vivido por Fagundes Varela também envolveu o Cemitério da Consolação. Ele se apaixonou por uma artista circense da Companhia Loande, que chega ao antigo Teatro São José.

Com o casamento de Alice Guilhermina Loande e Fagundes Varela nasce um menino de nome Emiliano, que morre precocemente, então Fagundes Varela faz o belo Cântico do Calvário e toda noite ele ia recitar o verso no Cemitério da Consolação.

Cântico do Calvário

Eras na vida a pomba predileta

¹ São Paulo Não Comemorou Júlio Frank – Tribuna da Imprensa 20/06/1972

Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. – Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro
Eras a messe de um dourado estio
Eras o idílio de um amor sublime
Eras a glória, - a inspiração, - a pátria
O porvir de teu pai! Ah! no entanto,
Pomba, - varou-te a flecha do destino!
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!
Teto, - caíste! – Crença, já não vives! ... ²

As histórias dos cemitérios de São Paulo não ficam restritas apenas ao passado, os enigmas também estão presentes nos fatos recentes da história da cidade.

O Cemitério de Santo Amaro tem um túmulo rodeado de placas de agradecimentos, trata-se de Bento do Portão, um mendigo morador das ruas de Santo Amaro, que faleceu e posteriormente começaram a atribuir milagres a ele.

As mesmas sinas de milagreiros tiveram treze vítimas do incêndio do Edifício Joelma, sepultadas no Cemitério São Pedro (Vila Alpina). Elas ficaram conhecidas como "As Treze Almas do Joelma".

Outras vítimas do Joelma, que foram enterradas no Cemitério da Vila Formosa, acabaram sendo objetos de uma inusitada coincidência, pois sepultadas na quadra cinquenta, acabaram sendo exumadas e na mesma quadra vieram oitenta e sete vítimas da chacina do Carandiru.

O mistério ainda paira no ar quando o assunto é desaparecidos políticos do período da ditadura militar, As associações de desaparecidos políticos lutam e sofrem com as informações dos sepultamentos clandestinos realizados nos vários cemitérios da cidade.

² Frederico Pessoa de Barros. *Poesia e Vida de Fagundes Varela*. Edameris. 1965. p.96.

Uma das maiores descobertas das ossadas de desaparecidos políticos foi feita no Cemitério de Perus. Com uma grande vala comum desenterrada, os legistas agora podem identificar alguns dos desaparecidos.

O Cemitério de Perus não é o único que abrigou as vítimas dos assassinatos políticos. No Cemitério da Vila Formosa, durante muito tempo, foi possível ver a sepultura de Carlos Marighella

É o primeiro ano da minha vó morta e estou na quadra 349 do Cemitério de Vila Formosa. 'O maior da América Latina' – minha mãe me diz no ônibus. Próximo do lugar, numa região de covas bem arrumadas com flores e lápides de cimento, o que me chama a atenção é uma tumba revolvida - acintosamente revolvida pelo contorno organizado da vizinhança. Me aproximo desse monte de terra onde as formigas fazem a festa. A cruz de madeira que caíra tem a metade de um dos braços enterrada. Tento ler: gella, quella, ghella... Penso berinjela com molho. É uma época em que me surpreende o desenho das letras, o som, e o significado das palavras. Sorrio. A poeira faz redemoinho. Sinto uma mão me puxando violentamente para trás. É meu pai. Ele continua me arrastando enquanto olha amedrontado para os lados das colinas e das gavetas das ossadas que cercam tudo. Ordena que eu nunca mais me aproxime daquele túmulo. Diz que é o túmulo de um terrorista; que a polícia podia estar vigiando. Demorei a entender o interesse da polícia em vigiar os mortos naqueles tempos. Para mim, daquele dia em diante, 'terrorista' vinha da 'terra', a terra fofa e varada de formigas do maior Cemitério da América Latina.”³

Os restos mortais de Marighella ficaram no Cemitério de Vila Formosa até 1979, quando foram transferidos para a Bahia, onde foi sepultado novamente com o epitáfio “Não Tive tempo de ter medo”.

Os cemitérios da cidade de São Paulo, entretanto, não são só enigmáticos, eles podem ser palco de desvendamentos da História, Geografia e Arte da cidade,

³ Fernando Bonassi. *100 Histórias Colhidas na Rua*. Scritta. 1996

Vamos agora fazer um pequeno roteiro com três túmulos que revelam aspectos peculiares da cidade de São Paulo e do Brasil.

A primeira vista, esse túmulo causa estranheza, uma associação de funcionários da indústria de chapéus de São Paulo numa metrópole como São Paulo recheada de trajes estadunidenses (calça jeans, camiseta, moletons). Teria um túmulo para os chapeleiros?

A parte posterior do túmulo nos dá pista sobre esse questionamento dos chapeleiros, nela vemos uma gravura retratando a primeira indústria de São Paulo a utilizar energia a vapor. A fábrica de chapéus pertencia ao alemão João Adolfo Schritzmayer e foi fundada em 1853, que mais tarde foi homenageado, virando nome de rua (Rua João Adolfo), que ficou famosa por abrigar o Edifício Joelma, aquele do grande incêndio.

A localização da fábrica é onde agora temos a estação de metrô Anhangabaú, próximo à Praça da Bandeira, mas uma dúvida ainda fica, por que São Paulo tinha uma fábrica de chapéus tão grande, com mais de 200 funcionários?

A principal resposta é o hábito europeu que o paulistano tinha de usar chapéus na década de 20, 30, 40 do século XX, costume que decaiu no final da Segunda Guerra Mundial, e passou-se a adotar o modelo estadunidense.

Nas fotos de São Paulo, anteriores a Segunda Guerra Mundial, é raro você notar alguém sem chapéu, praticamente todos os habitantes usavam chapéu (homens, mulheres e crianças), assim como na Europa. Atualmente (2005) o brasileiro, principalmente o jovem urbano, usa o boné, inspirado nos times de baseball dos E.U.A, ou seja, um modelo estadunidense implantado para o Brasil.

Outra pergunta que pode ser suscitada, é a compra de jazigo coletivo por parte de operários da indústria. Para entender essa questão, temos que remontar ao contexto da época, quando o sindicalismo, através das associações de mútuo socorro, que além de garantir assistência médica aos associados, tinha também

uma preocupação com a assistência funerária. Algumas vezes, em detrimento de adquirir uma sede própria para a associação era comprado o jazigo coletivo.

Portanto, esse túmulo guarda uma visão espacial da cidade de São Paulo que já não mais existe, porque São Paulo tem uma incessante produção e reprodução do espaço, como diz a música Sampa “da força da grana que ergue e destrói coisas belas”, ou seja, o sistema econômico capitalista vive produzindo espaços, depois com a desvalorização desses espaços eles são destruídos para serem reconstruídos, ou melhor, reproduzidos.

Esses conceitos de produção e reprodução do espaço podem ser trabalhados com as imagens desse túmulo, que traz outra temporalidade da cidade de São Paulo, onde o centro da cidade abrigava uma indústria, essa visão só é possível graças ao congelamento dessa temporalidade que ficou impressa no Cemitério da Consolação.

Outro aspecto possível de ser abordado utilizando o Cemitério da Consolação é a relação entre o rural e o urbano, e para isso um túmulo que pode ilustrar essa relação é o de Eduardo Prado.

O membro da família de ricos cafeicultores e com grande influência no Império, Eduardo viveu uma época em Paris, onde se tornou grande amigo do escritor português Eça de Queirós que acabou inspirando-se em Eduardo para escrever o personagem Jacinto de Tormes, protagonista do livro *A Cidade e as Serras*.

A temática do livro gira em torno das diferenças entre o campo (puro e rudimentar) e as cidades (sofisticadas e corrompidas), assim como o personagem Jacinto de Tormes, Eduardo Prado acaba retornando ao campo no final da vida para a Fazenda Brejão⁴

O assunto tratado no livro pode ser transportado para nossa atual realidade, onde buscamos viagens redentoras ao campo, procurando o contato com a escassa natureza dos nossos territórios construídos. Ademais a nossa fuga fugaz da cidade tem o objetivo principal de recarregar a pilha do trabalhador, injetar

⁴ Luiz Felipe D’avila, *Dona Veridiana: A trajetória de uma dinastia paulista*. São Paulo, A Girafa, 2004. p. 367

ânimo e disposição na força de trabalho, para que ela continue sendo devidamente e rentavelmente explorada.

O lazer programado pelo trabalho exige novos cenários para que os trabalhadores esqueçam momentaneamente a condição de explorados, tema que podemos discutir não só do ponto de vista dos espaços especializados para o turismo e lazer, mas também com relação ao tempo principalmente o período de férias e feriados.

O livro de Eça de Queirós está focado ao pertencimento aos lugares e o (des) encantamento como o moderno que a cidade representava na época, essa perspectiva histórica da gênese das grandes cidades é importante para entendermos as diferenças da vida nas pequenas e grandes cidades.

Atualmente a grande cidade (metrópole) permitiu certo anonimato para os habitantes, algo muito difícil de ocorrer numa cidade pequena, entretanto a cidade pequena não traz problemas como a poluição.

Sobre o pertencimento, o próprio Eduardo Prado deixa claro sua predileção pela simplicidade do campo: “Considerava o Brejão sua verdadeira e única morada; o mais eram pousos passageiros; quadros, livros, armas, curiosidades, tudo ali concentrava.”⁵

Essa sensação de pertencer a uma região, esse regionalismo também faz parte de um dos conceitos mais importantes para a Geografia, o de região, e que foram retratados por muitos escritores brasileiros do século XX como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e outros.

Portanto, a discussão da relação cidade/campo pode ser ilustrada a partir desse túmulo resgatando o livro de Eça de Queirós, assim como outros autores da literatura (Monteiro Lobato também está sepultado no Consolação), fazendo uma intersecção com essa outra área do conhecimento.

O último túmulo a ser visitado por esse nosso breve passeio pelo Cemitério da Consolação é o túmulo de Luiz Gama, tendo por objetivo abordar o tema

⁵ J. Capistrano de Abreu. *Eduardo Prado*. In *Ensaio e Estudos (Críticas e História)*. Rio de Janeiro, Livraria Briguiet, 1941 p. 339-348.

transversal preconceito através do movimento abolicionista e também os cortejos fúnebres que andam cada vez mais raros nas metrópoles brasileiras.

Essa possibilidade educativa no túmulo de Luiz Gama vem reforçar a questão da herança cultural dos africanos na formação do povo brasileiro, questão obrigatória no currículo escolar através da determinação da Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB).

Luiz Gama era escravo e foi vendido pelo seu pai na Bahia, em virtude de uma dívida de jogo, indo parar no Rio de Janeiro, Santos, Campinas e por último em São Paulo, onde aprendeu a ler com o Conselheiro Furtado.

Na capital paulista, cursou a faculdade de Direito do Largo São Francisco e passou a defender os escravos e alforriados nos tribunais, montando ainda a Caixa Emancipadora Luiz Gama, uma espécie de sociedade de ajuda mútua para alforriar escravos.

A luta de Luiz Gama pela abolição durou toda a sua vida, e ele partiu antes da abolição dos escravos, pois morreu em 1882, como comenta Raul Pompéia:

“Caminhava triste, refletindo na catástrofe que significava a morte de Luiz Gama. Lembrava-me de que me haviam mostrado na véspera, em casa do morto, uma pequena guarnição de tijolos com que Luiz Gama andava cercando os alegretes do jardim... A guarnição estava em meio... Eis um trabalho do homem, que fica por concluir, observam-me... Eu refletia que, como a guarnição dos alegretes, uma outra obra de Luiz Gama ficara em meio transformada em fuste partido para adornar-lhe o túmulo, - o sonho de todos os seus dias: a abolição.”⁶

Apesar da coluna interrompida da abolição, que Luiz Gama não chegou a presenciar, hoje temos as políticas afirmativas e talvez fosse a hora de Luiz Gama ser o símbolo dessa luta contra o preconceito que continua em voga.

Os enterros que durante muito paralisavam regiões da cidade por alguns momentos, atualmente são cada vez menos perceptíveis nas grandes cidades e talvez o primeiro grande enterro que parou a cidade tenha sido o de Luiz Gama.

As grandes vias da cidade foram construídas para a circulação dos automóveis, o primeiro congestionamento da cidade foi na inauguração do Teatro

⁶ Raul Pompéia, *A Morte de Luiz Gama*, Gazeta de Notícias, 24 de agosto de 1882.

Municipal em 1911. De lá para cá, apesar do aumento das vias de circulação, a fluidez dos veículos não melhorou muito, a velocidade da carroça é semelhante à média da velocidade dos veículos na cidade: 17 km por hora.

Quando ocorrem manifestações de trabalhadores ou de qualquer outro grupo, o trânsito pára. A Avenida Paulista que foi palco de muitas manifestações, hoje está restrita a poucos eventos.

Agora imaginem se colocássemos os enterros dentro do atual contexto do trânsito, isso atrapalharia o fluxo de veículos e de mercadorias, por isso os féretros são cada vez mais raros.

Observem a descrição de parte do enterro de Luiz Gama e vejam a diferença para um enterro de hoje, é lógico não era um enterro qualquer, pois Luiz Gama era bem relacionado e muito conhecido na cidade.

“Era o enterro. Devia fazer-se a pé. O cemitério estava longe, no extremo oposto da cidade, para as bandas da Consolação... A considerável distância, que separa os dois arrabaldes, devia ser percorrida a pé, para que a muitos fosse possível a honra de levar aquele glorioso cadáver...”

Ao entrar na cidade, uma comissão de seis membros do Centro Abolicionista de São Paulo tomou as alças do caixão. A cidade estava triste. Inúmeras lojas tinham as portas fechadas, em manifestação de pesar, as bandeiras das sociedades musicais e beneficentes da capital pendiam a meio mastro. Apinhava-se o povo nos lugares por onde devia passar o enterro. Ia sepultar-se o amigo de todos. Nunca houve coisa igual em São Paulo, dizia-se pelas esquinas.”⁷

Esse trajeto feito num longo tempo mostra que os habitantes (da época) queriam enfatizar as relações humanas que tiveram durante a vida, além de homenagear o morto, participando desse rito de passagem.

Cabe no caso, não de enaltecer outra temporalidade, ou se tratar de saudosismo, o que podemos perceber é o tempo de exaltação ao morto na nossa sociedade atual não tem mais lugar, porque a mercadoria e os veículos precisam

⁷ Raul Pompéia, *A Morte de Luiz Gama*, Gazeta de Notícias, 24 de agosto de 1882

circular, e os mortos não interessam mais, pois já não fazem parte da cadeia produtiva.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, J. Capistrano de. Eduardo Prado. In *Ensaíos e Estudos (Críticas e História)*. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1931.

BARROS, Frederico Pessoa de. *Poesia e Vida de Fagundes Varela*. São Paulo: Edameris, 1965.

BONASSI, Fernando. *100 Histórias Colhidas na Rua*. São Paulo: Scritta, 1996.

D'AVILA, Luiz Felipe. *Dona Veridiana: A trajetória de uma dinastia paulista*. São Paulo: A Girafa, 2004.

POMPÉIA, Raul. *A Morte de Luiz Gama*. São Paulo: Gazeta de Notícias, 24 de agosto de 1882.

São Paulo Não Comemorou Júlio Frank – Tribuna da Imprensa 20/06/1972.